





6 Brasilia, domingo, 5 de julho de 1987 Me encanto com os palhaços que se aproveitam das bobagens para pungir as verdades. Entre o ordinário e o insigne prefiro o ordinário 22

O poeta-andarilho

RUI NOGUEIRA Subeditor de Cultura

ma passagem de ida e volta a Paris, Londres ou Nova Iorque, com tudo pago, se vocêsouber quem é Manoel de Barros. Uma dica: ele "apareceu" no programa de TV Pantanal — Os Caminhos Para a Sobrevivência levado ao ar pela Rede Manchete ano passado.

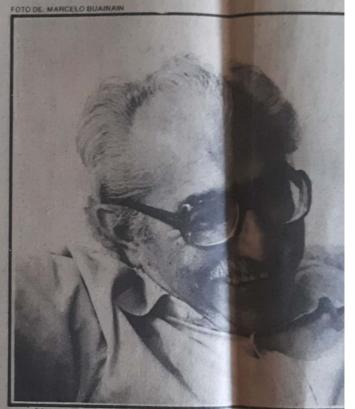
Você não sabe, mas pode ficar tranquilo. Eu não sei, tu não sabes, ele não sabe, nós não sabemos, vós não sabeis, eles não sabem. Dos 130 milhões de brasileiros apenas zero virgula zero, zero, zero, zero... sabem. Cada país tem a vergonha nacional que merece

Em vez de uma viagem para uma dessas capitais do colonialismo cultural nosso de cada dia , podemos marcar uma passagem, só ida, para Campo Grande, Mato Grosso do Sul, para conhecer "esse tal de Manoel de Barros" que Carlos Drummond de Andrade considera "o maior poeta vivo do Brasil". E não é troca de gentilezas entre profissionais da palavra. Para satisfazer a curiosidade: no programa da TV Manchete sobre o Pantanal, Manoel de Barros teve trēs poemas incluidos pelo realizador Washington Novaes. Ninguém prestou muita atenção, afinal não se tratava de nenhum poeta "tchā". Também, quem manda ele viver em Campo Grande. Enquanto não inventarem o eixo Rio-São Paulo-Campo Grande, Manoel de Barros será sempre o "maior poeta esquecido" do Brasil. Já é qualquer coisa.

Mas Deus escreve direito por linhas tortas. Este mês começa a sair do papel a filmagem (veja boxe) do média metragem, em 35 milimetros. O Inviável Anonimato do Caramujo — Flor com roteiro e direção do cineasta Joel Pizzini que foi assistente de direção de Sílvio Back em A Guerra do Brasil e Mais Luz de Reinaldo Pinheiro. Pizzini trabalhou também no filme ainda inedito, O País dos Tenentes, de João Batista de Andrade, como quisador de Epoca e faz, atualmente, além de cuidar das filmagens do Inviável Anonimato, a pesquisa histórica do filme Vlado: O Caso Herzog, também de João Batista de Andrade.

O Inviável Anonimato do Caramujo — Flor foi um dos 13 projetos aprovados (eram mais de 200) no último concurso nacional promovido pela Embrafilme. Pelo concurso, o filme orçado em um milhão de cruzados terá parte dos custos pancados pela Embrafilme. As locacios vás ser em Campo Grande e no Porto de Corumba e no Pantanal em Mato Grosso do Sul. Estão previstas também filmagens para o Río (Copacabana) e interior de São Paulo.

Joel Pizzini se propós a filmar uma vida e uma obra que são um "causo" só. Na boca de próprio Manoel de Barros, e num estilo



Manoel de Barros: "Sou fuga para flauta e pedra doce/A

"E preciso insanidade n

Esta entrevista tem uma história para ser contada. Em primeiro lugar é inédita. Em segundo lugar foi feita pela filha do próprio poeta. Manoel de Barros não gosta muito de dar entrevista, não gosta de falar para o público e em público. Para o público, ele escreve poemas. "A palavra falada não me recolhe, antes me deixa ao relento" diz ele. Mas pediu ao poeta que respondesse, por escrito, a algumas perguntas sobre a sua vida e obra. Resposta dele:

Minha vida você conhece,
 não tem episódios edificantes
 e nem heróicos. Nada mencio-

peter o dormir está peter o sono que é um l e uttanto se esgotou d Enso, ha que se encontra vede uma frase para sel la sistudo isso é tão vel nin initiar na parede. So de altra maneira.

de de seu processo de la CEL DE BARRO que la va roupa suja no que stou no ralo vai se como la seu pode saltar uma ca pode salta

sagem, so ída, para Campo Grande, Jiado Grosso do Sul, para conhecer "esse tal de Manoel de Barros" que Carlos Drummond de Andrade considera "o maior poeta vivo do Brasil". E não é troca de gentilezas entre profissionais da palavra. Para satisfazer a curiosidade: no programa da TV Manchete sobre o Pantanal, Manoel de Barros teve três poemas incluidos pelo realizador Washington Novaes. Ninguém prestou muita atenção, afinal não se tratava de nenhum poeta "tchâ". Também, quem manda ele viver em Campo Grande. Enquanto não inventarem o eixo Rio-São Paulo-Campo Grande. Manoel de Barros será sempre o "maior poeta esquecido" do Brasil. Já é qualquer colsa. Mas Deus escreve direito por linhas tortas.

ta esquecido" do Brasil. Ja e qualquer colsa.

Mas Deus escreve direito por linhas tortas.
Este més começa a sair do papel a filmagem
(veja boxe) do média metragem, em 35
milimetros. O inviável Anonimato do Caramujo — Flor com roteiro e direção do cineasta Joel Pizzini que foi assistente de direção
de Silvio Back em A Guerra do Brasil e Mais
Luz de Reinaido Pinheiro. Pizzini trabalhou
também no filme ainda inedito. O País dos
Tenentes, de João Batista de Andrade, como
quisador de Epoca e faz, atualmente, além
de culdar das filmagens do Inviável
Anonimato, a pesquisa histórica do filme
Viado: O Caso Herzog, também de João Batista de Andrade.

O Inviável Anonimato do Caramuto — Flor

O Inviável Anonimato do Caramujo — Flor foi um dos 13 projetos aprovados (eram mais de 200) no ultilmo concurso nacional promovido pela Embrafime. Pelo concurso, o filme orçado em um milhão de cruzados terá parte dos questos bagrados pela Embrafilme. As locações vão ser em Campo Grande e na Gruta do Lago Sul (Bonido), no Casario do Porto de Corumba e no Pantanal em Mato Grosso do Sul. Estão previstas também filmagens para o Rio (Copacabana) e interior magens para o Río (Copacabana) e interior de São Paulo.

Joel Pizzini se propôs a filmar uma vida e uma obra que são um "causo" só. Na boca do pròprio Manoel de Barros, e num estilo "ficha de Policia Federal", esse "causo" comeca assim:

"Nome: Manoel Wenceslau Leite de Barros. Nascido em 19 de dezembro de 1916 em Culabá, Travessa da Marinha, sem número. Infância no Pantanal da Nhecolândia, Corumbá, até os 8 anos. Alfabetizado pela tia Rosa Pompeu de Campos, no Pantanal. Estudei e fiz admissão para o 1º ginasial no Colegio Pestalozi em Campo Grande de 1927 a 1998"

Depois deste ano a vida do poeta da um tombo, uma "queda para cima". Ele vai para o Rio de Janeiro e começa a estudar no colegio Lafayette mudando-se depois para o São José, na Tijuca, dos irmãos Maristas. "Lá me deram Padre Antônio Vieira para ler. Foi o meu desvirginamento literário, a maior descoberta. Li todos os clássicos portugueses e cometi um livro de sonetos, cerca de 150 exemplares, dos quais nenhum resta", lembra Manoel de Barros.

ta", lembra Manoel de Barros.

Na hora da universidade, 1934, Manoel de Barros escolhe o Direito que ele acaba de desentortar em 1939. De 1935 a 1945 ele foi marxista, "apenas para contestar". Manoel de Barros pertenceu à mesma cédula comunista em que militava Apolônio de Carvalho. Mas quando Prestes saiu da prisão e selou a allança com o ditador Vargas, "o mesmo que mandara Olga para os nazistas", Manoel de Barros arrumou as malas da ideologia, sentou no meio-fio da calcada, chorou, e deu adeus ao PCB. Mas continuou "aberto aos desentendimentos como um rosto". Diz mais: "Continuo um homem de esquerda".

Em 47, este (caipira) da modernidade dá um võo malor.

Em meados de 47 fui vagabundar em

— Em meados de 47 fui vagabundar em Nova Iorque. Foi lá que fiz curso de pintura e de cinema (como se ver cinema). Vi filmes do mundo todo, até do Brasil (dizem os amigos que ele era um rato da cinemateca de Nova Iorque). A cidade alargou a minha visão das coisas e o "bugre" deixou ainda mais de ser provinciano. Na pintura, em exposição na rua 57, descobrir "Braque" foi importante pra burro. Na década de 50 colaborei com o Correlo da Manhá e depois a volta definitiva para Campo Grande.

ta defialtiva para Campo Grande.

Este "dono" de três filhos e três netos, uma espécie de Dersu Uzala do Pantanal (como no filme de Kurosawa ele é o espírito vivo da região que habita), só agora, com mais de 50 anos de poesia e aos 70 de vida, começa a ter o seu nome citado em universidades e vê os criticos falarem da sua poesia. Não que ele precise disso, mas descontando a sua modéstia sem limites, para nos que estamos atualizados com todos os concretismos e vanguardismos possíveis e imaginários, chega a ser dolorosa uma descoberta tão tardia. Mea culpa poeta. Antes tarde do que nunca Garanto que estamos esperando o teu funeral para as devidas homenagens. Temos que fazer jus ao nosso subdesenvolvimento. Nunca a frase do outro poeta foi tão verdadeira: "Eles passarão eu passarinho".



"E preciso injeta insanidade nos ver

Esta entrevista tem uma história para ser contada. Em primeiro lugar é inédita. Em segundo lugar foi feita pela filha do próprio poeta. Manoel de Barros não gosta muito de dar entrevista, não gosta de falar para o público e em público. Para o público, ele escreve poemas. "A palavra falada não me recolhe, antes me deixa ao relento" diz ele, Mas ano passado Martha Barror pediu ao poeta que respondesse, por escrito, a algumas per-Esta entrevista tem

pediu ao poeta que respondesse, por escrito, a algumas perguntas sobre a sua vida e
obra. Resposta dele:
— Minha vida você conhece,
não tem episódios edificantes
e nem heróicos. Nada mencionável nem por anedota. E minha obra, essa, é complicada por me ser. E se tentarmos descomplicá-la, desbarranca. Melhor deter o assunto.

 Bom, disse Martha Barros, mas tem uma coisa engraçada no seu dia-a-dia. Dizem que o senhor anda na rua falando sozinho. E isso é mencionável

O que pode acontecer è que as pessoas não enxergam os meus interlocutores. Tem muita gente de vista curta. Sozinho eu falo com todos. Sou tace em tento plural.

nisso um tanto plural.

Depois desta conversa
passaram-se meses. Martha
Barros se esqueceu do assunto
e o poeta parecia nem ter ligado. Mas ela tinha deixado no do. Mas ela tinna delixado no bolso do poeta uma folha com as perguntas. Um dia ele apareceu com as respostas. "Me entregou um caderno com letras miudinhas. Botei na minha sacola para ler em casa. Pensei nos seus 50 anos de poeta e apartura publica. sia e achei oportuno publica-las. Acho que presto um servi-co aos leitores". Contou na época Martha Barros.

A entrevista na integra è es

ta:

MARTHA BARROS — Em poesia, é mais importante o assunto ou a forma de dizé-lo?

MANOEL DE BARROS — Tudo creio jà foi pensado e dito por tantos e tontos. Ou quase tudo. Ou quase tudo. Ou quase tontos. De modo que não ha novidade debaixo do sol — e isso também ja foi di-lo: "Os temas do mundo são pouco numerosos e os arranjos são infinitos"— falou Roland Barthes. Então, o que se pode fazer de melhor é dizer de outra forma. Se for para tirar gosto poetico vai bem perverter a linguagem. Não bastam as licencas poéticas. Ha que se ir às licenciosidades. Temos de molecar o Idioma para que ele não morra de clichês. Subverter a sintaxe até a castidade. Isto quer dizer: até obter um texto casto. Um texto vir gem que o tempo e o homem ainda não tanham espolegado ao ponto de banal. O nosso paladar de ter anda com tédio. E preciso propor novos enlaces para as palavras. Injetar insanidade nos verbos para que transmitam aos nomes seus delirios.

Em Nunes Peres Sandeu. nas Em Nunes Peres Sandeu. nas Cantigas dos Trovadores Medievais.

Em Nunes Peres Sandeu, Cantigas dos Trovadores Mediev selecionadas por Clarice Berardine encontro estes versos.

E. poye aqueles olhos meus Por el perderam o dormir A beleza se abre no segundo ve Por el perderam o dormir. Por

dormir está no lugar de como que é um lugar comum se esgotou de expressar, que se encontrar a primeira a frase para ser-se poeta ne-to isso é tão velho como me-to a parede. So que foi dito ameira, e seu processo de criação? E. DE BARROS — Como i roupa suja no tanque danha nas palavrias. A escuma i no ralo vai ser bos para e Depois é ir imitando os de acomo pedra está de pascer em seu ser. Então no melo ode saltar uma clave ou um a sente tem que trabalhar. O fica longe que nem se ve conte parte desse processo de a cartilha. Seduz-me rea-trar a lingua. Els um lado eu.

OEL DE BARROS — Poeta e lum ser escaleno. Dai que as ações mutridas em suas obras-lazer retratos (alsos dele. Al-esão louções mesmo. E se dis-lor bares e prazeres. Porém no s poetas são pessoas comuns regam embruilhinhos de pão às da tarde pra casa, se encos-árvores, puxam válvulas, etc. foi isso sem grandezas ou es-es. Eles são mesmo gauches , como diz o nosso caro Dru-

Como vê a poesia mato-

se?

OEL DE BARROS — A julgar papares da revista Mugido, logo si uma excelente e renovadora Que se afastem os outros de rigos: a necroverbose dos acase a exuberância da nossa na-Não fosse aqui o Pantanal), roverbose basta evitar contacda exuberância da natureza er cuidado para não se afogar tonatural. Quero dizer: é preciar o grave perigo de uma deda contemplativa da natureza menor comunhão do ente com o ja perigo de cair no superficial enor comunhão do ente com o perigo de cair no superficial co, na pura cópia, sem aquetransfiguração epitânica. A menumeração de bichos e planires caranda sariema, etc) sinte a essêneia do Pantanal, de apenas a sua aparência as é reservado transmitir a Vem dai que é preciso huas coisas e depois transfazêversos.

n de alienada a sua poe-

acha disso?

EL DE BARROS — Não sou
nada. Não é preciso se falar
r para se transmitir amor
reciso falar de dor para transeu grito. O que escrevo resuleciso falar de dor para transen grito. O que escrevo resuleus armazenamentos ancesmeus envolvimentos com a
filho e neto de bugres andanotigueses melancolicos. Minotia level com arvores e binão. Essa mistura logada degrande cidade deu bora: um
e amargo. Se alguma palanão brotar desse substrato,
sea: "As correntes subterue atravesam o poeta, transno seu lirismo", disse Theosea: "Baudemais fiel ao apelo das massas
oseu lirismo", disse Theosea: "Baudenoses gente-pobre de
mpos", Falo comparando,
la matéria da poesia?
EL DE BARROS — Todas as
Lata pedra rosa sapo nuodem ser materia de poesia,
palavras assim, em estado
a nelas, inerentes. O envolemocional do poeta com esconsiga dar —, isso que podelas matéria de poesia, o
superior de la comesta de comesta se o tratamento artisticoconsiga dar —, isso que podeleas matéria de poesia, o

onsiga dar —, isso que pode-elas matéria de poesia. Ou

MANOE nos sentida Além do numa senti promisso talvez com cia animal A lascivia o perfume preender Poeta não lectual; m sensual.

MANOE eu gosto de vras. E a lhe. Antes jetto que el lando; ma da não é corgulho de o verso de feição e o notisa e m ção me essi ção me e na sarjet jeta lembi

que embras penas ontem. O tem um poesia a que me re E o que remastiga sonho est pedra à t em adam em adam onde nac

> elenco todos. O Invia Flor Espind Satter. A prode dir trabali ção em Amara



"E preciso injetar insanidade nos verbos"

O Inviável Anonimato do Caramujo-Flor



"E preciso injetar insanidade nos verbos

història para ser contada. Em primeiro lugar é inèdita. Em segundo lugar foi feita pela filha do pròprio poeta. Manoel de Barros não gosta muito de dar entrevista, não gosta de falar para o público e em público. Para o público, ele escreve poemas. "A palavra falada não me recolhe, antes me deixa ao relento" diz ele. Mas ano passado martha entre pediu ao poeta que respondesse, por escrito, a algumas perguntas sobre a sua vida e obra. Resposta dele:

— Minha vida você conhece, não tem episódios edificantes e nem heróicos. Nada mencionável nem por anedota. E minha obra, essa, é complicada por me ser. E se tentarmos descomplicá-la, desbarranca. Melhor deter o assunto.

— Bom, disse Martha Barros, mas tem uma coisa engraçada no seu dia-a-dia. Dizem que o senhor anda na rua falando sozinho. E isso é mencionável.

— O que pode acontecer é que as pessoas não enxergam os meus interlocutores. Tem muita gente de vista curta. Sozinho eu falo com todos. Sou nisso um tanto plural.

Depois desta conversa passaram-se meses. Marth Barros se esqueceu do assuni e o poeta parecia nem ter lig do. Mas ela tinha delxado n bolso do poeta uma folha con as perguntas. Um dia ele apa receu com as respostas. "Me entregou um caderno com le tras miudinhas. Botei na minha sacola para ler em casa Pensei nos seus 50 anos de poesia e achei oportuno publicalas. Acho que presto um servico aos leitores". Contou na época Martha Barros

A entrevista na integra è es-

perder o dormir está no lugar de perpero sono que é um lugar comum e dorante se esgotou de expressar Entas, ná que se encontrar a primeira vezdeuma frase para ser-se poeta nela. Las tudo isso é tão veino como menino muar na parede. Só que foi dito de curra maneira.

MNOEL DE BARROS — Como que lava roupa suja no tanque dando orrada nas palavras. A escuma que estou no ralo vai ser boa para o cob en Depois é ir imitando os carros para podra servo para o cob en Depois é ir imitando os carros para para valor a para o cob en Depois é ir imitando os carros para para valor a para o cob en para o carros en reseu ser. Então no meto da visa pode saltar uma clave ou um rau Dal a gente tem que trabalhar. O homonte fica longe que nem se vê. Um norizonte pardo como os curdos. Também faz parte desse processo desarumar a cartilha. Seduz-me reapreder errar a lingua. Eis um lado obcario meu.

Pessoas que leram os seus poemas sempre me perguntam se o senho não é um loução. Como explicar isso

MANOEL DE BARROS — Poeta e semore um ser escaleno. Dai que as imaginações nutridas em suas obras potem fazer retratos falsos dele. Algus até são louções mesmo. E se dissipam por bares e prazeres. Porém no seral os poetas são pessoas comuns curcarregam embrulhinhos de pão às baras da tarde pra casa, se encostam em árvores, puxam válvulas, etc. Mas tudo isso sem grandezas ou estanoartes. Eles são mesmo gauches a vida, como diz o nosso caro Drumon.

Como vê a poesia mato-

NOEL DE BARROS - A julgar rapazes da revista Mugido, logo uma excelente e renovadora Que se afastem os outros de rigos: a necroverbose dos acais e à exuberância da nossa na-Não fosse aqui o Pantanal) overbose basta evitar contacda exuberância da natureza ter cuidado para não se afogar natural. Quero dizer: è precilas o grave perigo de uma dedo contemplativa da natureza menor comunhão do ente com o s o perigo de cair no superficial anco, na pura copia, sem aque da transfiguração epitânica. A es enumeração de bichos e planacares caranda sariema, etc. ansmite a essência do Pantanal ne apenas a sua aparência as e reservado transmitir a

Afistoteles Prir questi me

— Quals on seus autores

MANOEL DE BARROS

dam mais aqueles que se
que aqueles que se
que aqueles que se
que aqueles que se
que aqueles que se
das bobagens para pung
des Vou mais com o som
cigarras do que com as
jestials. Entre o ordinário
pretiro o ordinário Gost
de água e estandorte. Aq
tam de inclignação presi
mudam os declas do jogo o
meus goros. Nesse sentid
de Cristo, Rimbaud, Koa
Chaplin, Guimarães Rosa
len, Millór, Dalton Trevis
outros.

— "Poesta não é para co mas para incorporar". Po melhor esse seu verso?

MANOEL DE BARROS nos sentidos que a poesti Além do mais esse é um uma sentença. Poeta nă promisso com a verdade talvez com a verossimilha de ser com a razão mas o cia animal que se enfr A lascivia è vermelh o perfume erica. preender isso? Poeta não é necessariame lectual; mas é necessar sensual. Pois mão è eli eu-le-amo para todas as o ta desexplicação pode nã dias com os estatisticos. os tontos.

- O senhor não fula Por quê?

MANOEL DE BARROS eu gosto de ser recolhido vras. E a palavra falada a lhe. Antes, até me deixa a jelto que eu tenho de me : lando, mas escrevendo. P da não é capaz de perfeito orgulho de querer ser perfo verso de Felipe de Olive feição e o orgulho de peca notisa e me desvela. E estição me esconde como um j na sarjeta. (Um pe de sa jeta lembra mais o seu pot

Está compondo outro MANOEL DE BARRI que embromo um descant as penas de hoje para outrontem. O tal negócio de quem um tema: ele mesmi poesía a sagração do eu que me repito como samb

um ser escaleno. Daí que as em Melhor deter o assunto mações nutridas em suas obras talvez - Bom, disse Martha Bar m fazer retratos falsos dele. Alde ser Coale são louções mesmo. E se disros, mas tem uma coisa encia ani tia n por bares e prazeres. Porém no graçada no seu dia-a-dia. Di-A lasc os poetas são pessoas comuns Eso per zem que o senhor anda na rua arregam embrulhinhos de pão às Copreend falando sozinho. E isso é menda tarde pra casa, se encos-Poeta 7 a em árvores, puxam válvulas, etc. lectua cionável. fudo isso sem grandezas ou essensua O que pode acontecer é um rles. Eles são mesmo gauches eu-teque as pessoas não enxergam da, como diz o nosso caro Drupata des os meus interlocutores. Tem codias co Como vê a poesia matomuita gente de vista curta. Soos tont a o ense? zinho eu falo com todos. Sou as. NOEL DE BARROS — A julgar Por qu ara nisso um tanto plural. rapazes da revista Mugido, logo MAN), a desta conversa Depois eu gos os uma excelente e renovadora orpassaram-se meses. Martha a. Que se afastem os outros de vras. I ca perigos: a necroverbose dos aca-Barros se esqueceu do assunto lhe. Ar jeito q cos e a exuberância da nossa nae o poeta parecia nem ter ligalando; a. (Não fosse aqui o Pantanal). do. Mas ela tinha deixado no da não ecroverbose basta evitar contacde bolso do poeta uma folha com orgulh da exuberância da natureza deo vers as perguntas. Um dia ele apater cuidado para não se afogar arfeição receu com as respostas. "Me anto natural. Quero dizer: é precide notisa litar o grave perigo de uma deentregou um caderno com lecão me iscão contemplativa da natureza tras miudinhas. Botei na mina sar 10. em a menor comunhão do ente com o nha sacola para ler em casa. jeta lei u a Há o perigo de cair no superficial E Pensei nos seus 50 anos de poeno fotográfico, na pura cópia, sem aque-MA rda transfiguração epifânica. A les enumeração de bichos e plansia e achei oportuno publicá-12que en 10las. Acho que presto um servias pen jacarés carandá sariema, etc) . е co aos leitores". Contou na ontem ransmite a essência do Pantanal. to época Martha Barros. tem un que apenas a sua aparência. Diz poesia A entrevista na integra é espoetas é reservado transmitir a que me ncia. Vem daí que é preciso huta: re. E o dá zar as coisas e depois transfazêremast om versos. MARTHA BARROS - Em poesia, é sonho Acusam de alienada a sua poemais importante o assunto ou a forma em pedra Que acha disso? de dizê-lo? em ada a e NOEL DE BARROS — Não sou MANOEL DE BARROS onde n o a nada. Não é preciso se falar es creio já foi pensado e dito por tantos e mor para se transmitir amor. nitontos. Ou quase tudo. Ou quase to tos. De modo que não há novidade deé preciso falar de dor para transde o seu grito. O que escrevo resulvibaixo do sol - e isso também já foi die meus armazenamentos ancesda to. "Os temas do mundo são pouco nue de meus envolvimentos com a merosos e os arranjos são infinitos" — falou Roland Barthes. Então, o que X-Sou filho e neto de bugres andafoi e portugueses melancólicos. Mise pode fazer de melhor é dizer de ouainfância levei com árvores e bitra forma. Se for para tirar gosto poé tico vai bem perverter a linguagem olco chão. Essa mistura jogada dena grande cidade deu borá: um Não bastam as licenças poéticas. Há sujo e amargo. Se alguma palaque se ir às licenciosidades. Temos de minha não brotar desse substrato, molecar o idioma para que ele não morra de clichês. Subverter a sintaxe até a castidade. Isto quer dizer: até al rera seca. "As correntes subteras que atravessam o poeta, transto elenc cem no seu lirismo", disse Theom todos obter um texto casto. Um texto vir-Adorno. E disse mais: "Baude-0mum gem que o tempo e o homem ainda foi mais fiel ao apelo das massas anão tanham espolegado ao ponto de banal. O nosso paladar de ler anda Está ue toda a poesia gente-pobre de O Inv os tempos". Falo comparando, com tédio. É preciso propor novos en-Flor Qual a matéria da poesia? laces para as palavras. Injetar insani-ANOEL DE BARROS — Todas as Espir dade nos verbos para que transmitam aos nomes seus delírios. Em Nunes Peres Sandeu, nas vras. Lata pedra rosa sapo nu-Satte podem ser matéria de poesia. laban ue as palavras assim, em estado querq Cantigas dos Trovadores Medievais cionário, não trazem a poesia ou Ap selecionadas por Clarice Berardinelli, encontro estes versos. poesia nelas, inerentes. O envolde di lo nto emocional do poeta com estraba E, poye aqueles olhos meus palavras e o tratamento artístico ção er Por el perderam o dormir A beleza se abre no segundo vers Por el perderam o dormir. Porque hes consiga dar —, isso que pode-Amar io zer delas matéria de poesia. Ou Berlin ra pro de Do Balza Mulhe

lho do Pantanal



a e pedra doce/ A poesia me desbrava/ Com aguas me alinhavo

eciso injetar de nos verbos"

domir està no lugar de sono que è um lugar comum de se ésgotou de expressar la que se encontrar a primeira ma truse para ser-se poeta ne-sua parede. Sé que foi dito maneiro.

d Seu processo de criação?
L DE BARROS — Como a rospa suja no tanque danla mas palavras. A escuma a no raio vai ser boa para o Depóis é ir imitando os canão fazer. Mas isso também já era em Aristôteles. Pra quem me achico.

MANOEL DE BARROS — Me agradam mais aqueles que se atrevem do
que aqueles que se atém. Me encanto
com os palhaços que se aproveitam
das bobagens para pungir as verdades. Vou mais com o som aspero das
cigarras do que com as melodias celestias. Entre o ordinário e o insigne
pretiro o ordinário. Gosto dos loucos
de água e estandarte. A queles que ur-

noel de Barros não e um literato Literato costuma fazer carreira lite raria, insere seu trabalho sobre uma linhagem de autores e escritores do passa do, pertence a um grupo, a uma tendência Entre a vida, o cotidiano, a paisagem e o que ele escreve o relacionamento se tal através de conceitos de intelecto. Manoe de Barros retira seu vocabulário, sua sinta xe, seu idioma do cerne da materia, da rea lidade mais profunda do corpo aquoso da terra. Ele se trabalha quando trabalha um texto e a natureza trabalha nele o ocio e prazer da vida em germinação. O resultado è um poema único, sem linhagem, de textura e fatura tão intrinsicamente pessoais que estouram os limites dele enquanto in dividuo e se fundem com a propria amblén cia pantanal. Um pântano que se universa liza e nos engole, nos afoga, nos enlameia de mel e seda.

A alta sofisticação dos textos de Manoel de Barros é formada e informada por um selvática, bárbara, religiosa e filosofica visão cosmológica".

REYNALDO JARDIM Diretor Executivo da Fundação Cultural-DF

companho a poesía de Manoel de Barros humildemente: recebo-a como se em estado de graça, me com prazo com ela e - por instantes graças a ela - me comprazo com o mundo e até co migo. Acompanho esta poesia - desse sul matogrossense que por tantes anos vives no Rio de Janeiro sem jamais dessul-mato grossizar-se -, acompanho sua poesia hi muito tempo. E não conheço poesia que desconfie tanto de si mesma e poeta que desconfie tanto de si mesmo"... Eis que ismos classificatórios, mesmo combinados não me satisfazem, no que se referem a poesia de Manoel de Barros: surrealismo sim, telurismo, sim, ingenuismo, sim, des pistismo, sim, plebeismo, sim, aristocratis mo, sim, imagismo, sim, sinestesismo sim, um hipersanfranciscanismo tão proprio que permite invocar as florecinhas santo sem lhes ser tributario. E poesia qui abre seu lugar próprio em seu próprio terr terio sob sol proprio e sua pripria paisa gem fisica e moral e verbal e estética. que ha um humilde (e sabio) demiurgo

Escritor, no prefacio do livro Arranjos para Assobio

N der artistico-intelectual descobrirem miguem. Ficam senta dibes na sua, e se deixam assaltur pela ocasionalidade do que, nos corredares, insistem, se promovem, se oferecem — até ilso camente. Dat a vasta mediocridade de mas se mundo intelectual ostensivo, enquanto um sem-número de talentos jamais tem aportunidade.

axion apresentando hoje, a voces, un poeta, Manuel de Barron de Manuel, un



so injetar nos verbos"

ir está no lugar de ue è um lugar comum sgotou de expressar encontrar a primeira para ser-se poeta nee tão velho como mearede. Só que foi dito

rocesso de criação? BARROS - Como suja no tanque danpalavras. A escuma lo vai ser boa para o é ir imitando os cadra sendo lata sendo eu ser. Então no meio ltar uma clave ou um tem que trabalhar. O onge que nem se vê. ardo como os curdos. rte desse processo detilha. Seduz-me realingua. Eis um lado

e leram os seus poeperguntam se o seoução. Como explicar

BARROS - Poeta é escaleno. Daí que as tridas em suas obras tratos falsos dele. Alções mesmo. E se dise prazeres. Porém no são pessoas comuns nbrulhinhos de pão às pra casa, se encos-puxam válvulas, etc. em grandezas ou essão mesmo gauches iz o nosso caro Dru-

poesia mato-

BARROS - A julgar revista Mugido, logo elente e renovadora fastem os outros de ecroverbose dos acaerância da nossa nase aqui o Pantanal) basta evitar contacrância da natureza para não se afogar Quero dizer: é preciperigo de uma deplativa da natureza unhão do ente com o e cair no superficial ira cópia, sem aqueuração epifânica. A ção de bichos e planandá sariema, etc) sência do Pantanal. a sua aparência rvado transmitir a i que é preciso hu-e depois transfazê-

alienada a sua poe-

ARROS — Não sou lo é preciso se falar e transmitir amor. r de dor para trans que escrevo resul-zenamentos ancesvolvimentos com a

não fazer. Mas isso também já era em Aristôteles. Pra quem me achico.

Quais os seus autores preferidos? MANOEL DE BARROS — Me agradam mais aqueles que se atrevem do que aqueles que se atêm. Me encanto com os palhaços que se aproveitam das bobagens para pungir as verda-des. Vou mais com o som áspero das cigarras do que com as melodias celestiais. Entre o ordinário e o insigne prefiro o ordinário. Gosto dos loucos de água e estandarte. Aqueles que ur-ram de indignação prefiro aos dobra-dicos. Os que renovam a escrita prefiro aos que a repisam. Aqueles que mudam os dedos do jogo resgatam os meus goros. Nesse sentido sou fanfă de Cristo, Rimbaud, Klee, Pessoa, Chaplin, Guimarães Rosa, Woody Állen, Millôr, Dalton Trevisan — entre outros

"Poesia não é para compreender; mas para incorporar". Pode explicar melhor esse seu verso?

MANOEL DE BARROS — Porque é nos sentidos que a poesia tem fonte. Além do mais esse é um verso, não é uma sentença. Poeta não tem compromisso com a verdade, senão que talvez com a verossimilhanca. Não há de ser com a razão mas com a inocêncla animal que se enfrenta um poema. A lascívia é vermelha, o desejo arde, o perfume erica. Tem que se compreender isso? Ou apenas sentir? Poeta não é necessariamente um intelectual; mas é necessariamente um sensual. Pois não é ele quem diz eu-te-amo para todas as coisas? E esta desexplicação pode não fazer médias com os estatísticos, mas faz com os tontos.

O senhor não fala em público.

Por quê?

MANOEL DE BARROS eu gosto de ser recolhido pelas palavras. E a palavra falada não me recolhe. Antes, até me deixa ao relento. O jeito que eu tenho de me ser não é falando; mas escrevendo. Palavra falada não é capaz de perfeito. E eu tenho orgulho de querer ser perfeito. Assim, o verso de Felipe de Oliveira: "A perfeição e o orgulho de pecar", me hipnotisa e me desvela. E esta dissimulação me esconde como um pé de sapato na sarjeta. (Um pé de sapato na sarjeta lembra mais o seu pobre dono).

Está compondo outro livro? MANOEL DE BARROS - Creio que embromo um descanto. Mudando as penas de hoje para outras iguais de ontem. O tal negócio de que poeta só tem um tema: ele mesmo. Não fosse poesia a sagração do eu. De forma que me repito como sombra de árvore. E o que seria um livro novo é pura remastigação. O poeta que hoje me sonho está sentado em cima de uma pedra à beira de um rio escrevendo em adâmico. Sub-existe ele por reinos onde nada acontece.

prazo com ela e — por instantes gracas a ela — me comprazo com o mundo e até comigo. Acompanho esta poesia — desse sulmatogrossense que por tantos anos viveu no Rio de Janeiro sem jamais dessul-matogrossizar-se —, acompanho sua poesia há muito tempo. E não conheco poesia que desconfie tanto de si mesmo e poeta que desconfie tanto de si mesmo e poeta que desconfie tanto de si mesmo e combinados, não me satisfazom, no que se reterem a poesia de Manoel de Barros: surrealismo, sim, telurismo, sim, ingenuismo, sim, despistismo, sim, plebeismo, sim, aristocratismo, sim, imagismo, sim, sinestesismo, sim, um hipersanfranciscanismo tão próprio que permite invocar as florezinhas do santo sem lhea ser tributário. E poesia que abre seu lugar próprio em seu próprio terriabre seu lugar próprio em seu próprio terri-tório sob sol próprio é sua própria paisa-gem física e moral e verbal e estética, em que há um humilde (e sábio) demiurgo

ANTONIO HOUAISS Escritor, no prefacio do livro Arranjos para Assobio

N o Brasil é muito raro os donos do po-der artistico-intelectual descobrirem miguém. Ficam senta-does, na sua, e se deixam assaltar pela ocasionalidade do que, nos corredores, insistem, se promovem, se oferecem — até fisicamente. Dai a vasta mediocridade de nos so mundo intelectual ostensivo, enquanto um sem-número de talentos jamais tem oporturidade.

oportunidade.

Estou apresentando hoje, a voces, um poeta, Manoel de Barros, de Mato Grosso do Sul. Não é um novato. De vida tem mais de co anos: De poesta, o dobro. Ha dele anos fiz a capa de um livrinho seu, admir avel. Arranjos Para Assobio. Dois anos! Fiquel esperando que a mídia se manifestasse. Que escritores especializados se manifestassem. O Suplemento Literário de Minas Gerals (honra ao jornal) deu duas notas. Gerais (honra ao jornal) deu duas notas, elogiando. Foi só. "Não é um país sério" já dizia o narigudo francês

MILLOR FERNANDES na revista IstoE de 3 de outubro de 1984

ste Manoel de Barros, mistura monumental de construtor subversivo, bandido, an jo e So Francisco de Assis, poeta talvez concebido sem pecado ou com todos eles... é o maior poeta brasileiro vívo. Pelo que se vé ao se ler, esse bruxo inveterado sabe conversar com os bichos do Pantanal Mato-grossense. Sua alma e seu corpo vivem pregados ao chão de lá e pouco se lhes dá se a comunidade litero-artística do eixo Rio-São Paulo não descobre o gosto. o cheiro, a cor, o som de sua poesía. De vez em quando ele aparece, esquivo, aqui pela cidade grande, como um peixe grelhado e foge depressinha para o mato, onde conti-nua em seu silêncio que sabe ouvir lesmas e toca o finissimo e continuado trabalho. Ao que chama com humildade humilhante. que chama com humildade humilhante, de inutensilio",

JOÃO ANTONIO
Escritor, autor de Casa dos Loucos, Malhação de Judas Carloca e Malagueta, Perus e Bacanaço

anoel de Barros, figura singular e manoel de Barros, ligura singular e plural, é um dos malores poetas bracido pelo público. Bastará lê-lo uma vez para que os leitores se disponham a acompanhá-lo sempre na ventura de despir as palavras e as coisas de suas dimensões lineares, o que lhes revelara os insuspeitos universos que ela contém'

ENIO SILVEIRA Escritor e Editor

usta crer que tanta inventiva, tanta força verbal, tanto colorido brasileiro tenham jazido todo esse tempo no escuro. Tanta luz no escuro! Um poeta assim permanecer tão desconhecido, tão secreto, ignorado até mesmo pelos nossos especialistas? On meus patricios, leiam a poesia de Manoel de Barros. Ainda é tempo de fruir, "A vida de um menino do mato sem importância".

ISMAEL CARDIM

nos sentidos que a poesia tem tonte Além do mais esse é um verso, não é uma sentença. Poeta não tem compromisso com a verdade, senão que talvez com a verossimilhança. Não há de ser com a razão mas com a inocência animal que se enfrenta um poema. A lascívia é vermelha, o desejo arde. o perfume erica. Tem que se compreender isso? Ou apenas sentir? Poeta não é necessariamente um intelectual; mas è necessariamente um sensual. Pois não é ele quem diz eu-te-amo para todas as coisas? E esta desexplicação pode não fazer mêdias com os estatísticos, mas faz com os tontos.

- O senhor não fala em público.

Por qué?

MANOEL DE BARROS — Porque eu gosto de ser recolhido pelas palavras. E a palavra falada não me recolhe. Antes, até me delxa ao relento. O jeito que eu tenho de me ser não é falando; mas escrevendo. Palavra falada não é capaz de perfeito. E eu tenho orgulho de querer ser perfeito. Assim, o verso de Felipe de Oliveira: "A perfeição e o orgulho de pecar", me hipnotisa e me desvela. E esta dissimulação me esconde como um pé de sapato na sarjeta. (Um pé de sapato na sarjeta lembra mais o seu pobre dono).

MANOEL DE BARROS — Creio que embromo um descanto. Mudando as penas de hoje para outras iguais de ontem. O tal negócio de que poeta só tem um tema: ele mesmo. Não fosse poesia a sagração do eu. De forma que me repito como sombra de árvore. E o que seria um livro novo é pura remastigação. O poeta que hoje me sonho está sentado em cima de uma pedra à beira de um rio escrevendo em adâmico. Sub-existe ele por reinos onde nada acontece.

bandido, an jo e So Francisco de As sis, poeta talvez concebido sem pecado ou com todos eles... è o maior poeta brasileiro vivo. Pelo que se vé ao se ler, esse bruxo inveterado sabe conversar com os bichos do Pantanal Mato-grossense. Sua alma e seu corpo vivem pregados ao chão de là e pouco se lhes da se a comunidade litero-artistica do eixo Rio-São Paulo não descobre o gosto. o cheiro, a cor, o som de sua poesia. De vez em quando ele aparece, esquivo, aqui pela cidade grande, como um peixe grelhado e loge depressinha para o mato, onde continua em seu silêncio que sabe ouvir lesmas e toca o finissimo e continuado trabalho. Ao que chama com humildade humilhante, de Inutensillo"

JOÃO ANTONIO
Escritor, autor de Casa dos Loucos, Malhação de Judas Carloca e Malagueta, Perus e Bacanaco

manoel de Barros, figura singular e plural, é um dos maiores poetas brasileiros, emborá ainda pouco conhecido pelo público. Bastará lé-lo uma vez para que os leitores se disponham a acompanhá-lo sempre na ventura de despir as palavras e as coisas de suas dimensões lineares, o que lhes revelará os insuspeitos universos que ela contém".

ENIO SILVEIRA Escritor e Editor

usta crer que tanta inventiva, tanta força verbal, tanto colorido brasileiro tenham jazido todo esse tempo no escuro. Tanta luz no escuro! Um poeta assim permanecer tão desconhecido, tão secreto, ignorado até mesmo pelos nossos especialistas? Oh meus patricios, leiam a poesia de Manoel de Barros. Aínda é tempo de fruir. "A vida de um menino do mato sem importância".

ISMAEL CARDIM

O Inviável Anonimato do Caramujo-Flor

filme de Joel Pizzini que começa a ser rodado agora em julho val reunir um elenco de nomes muito especiais e, todos, com uma caracteristica comum: nasceram no Mato Grosso. Está confirmada a participação em O Invlável Anonimato do Caramujo-Flor de Ney Matogrosso, Tetê Espindola, Rubens Correa, Almir Satter, Jayme Del Cuetto, Aracy Balabanian, Ney Latorraca, Ivan Albuquerque e Humberto Espindola.

m

a-

to.

ns-

90-

de-

as

de

as

nu-

sia

ado

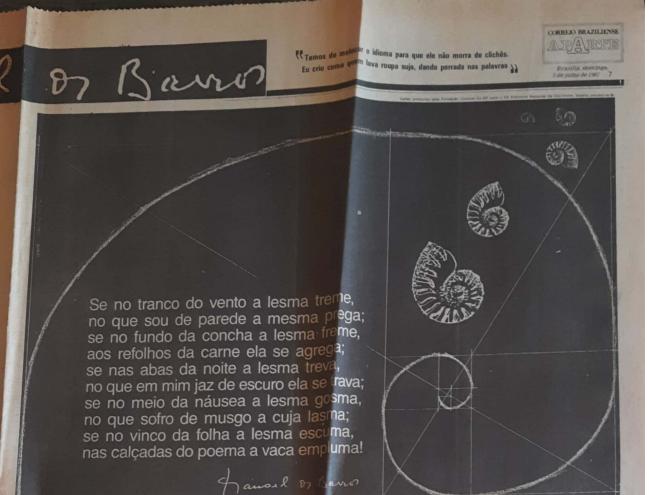
tico

Ou

A produtora executiva e assistente de direção é Eliane Bandeira que trabalhou como diretora de produção em A Hora da Estrela de Suzana Amaral, premiada no Festival de Berlim e de Brasilia. Eliane Bandeira produziu e dirigiu os filmes: Vida de Doméstica, E Menino ou Menina, Balzaquianas, A Terceira Idade e Mulher India. A produção em Mato

Grosso do Sul ficou a cargo de Sandra Menezes que dirigiu o video Alma em Revista, apresentado em maio em Brasilia durante o Levante Centro-Oeste e concorrente nos Festivais de Roma e Barcelona. Sandra Menezes foi assistente de produção no filme Comitiva Esperança, Viagem Através do Pantanal, de Wagner Carvalho.

A direção de Fotografia do Inviável Anonimato é de Pedro Farkas (Rei da Vela, Inocência, A Lenda do Boto, A Marvada Carne, Cinema Falado), o tecnico de som, Geraldo Ribeiro (Das Tripas Coração, Jango, Anos JK, Céu Aberto, O Pais dos Tenentes, Asa Branca, Frei Tito e a direção de produção de Maria Madalena Ionesco (Janete, A Hora da Estrela, Filme Demência, Brasa Adormecida, A Longa Viagem e Cidade Oculta).





A obra do poeta

POEMAS CONCEBIDOS SEM PECADO Editora do autor, 1937

FACE IMOVEL Editora Seculo XX (RJ), 1942

POESIAS Editora Irmãos Pongetti (RJ) 1956

COMPENDIO PARA USO DOS PASSAROS Livraria São José Editora (RJ) 1961

GRAMATICA EXPOSITIVA DO CHÃO Editora Tordos (RJ), 1968

MATÉRIA DE POESIA Livraria São José Editora

LIVRO DE PRE-COISAS Editora Philabiblion (RJ), Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 1985

Sabiá Com Trevas

Fragmento - IX

O poema è antes de tudo um inutensille

Hora de iniciar algum

convém se vestir roupa de trapo.

Ha quem se jogue debaixo de carro

nos primeiros instantes

Faz bem uma janela aberta

Uma vela aberta.

Pra mim è uma coisa que serve de nada o poema

Ninguém é pai de um poema se morrer

Retrato Quase Apagado,

Onde se pode

Ver Perfeitamente o Nada

Não tenho bens de acontecimentos. Sou um suteito pegador de imagens. Entesouro frases. Se poesta é a ocupação do ser pela imagem Sou um homem ocupadissimo. Porem Se poesta é a ocupação das palavras pela

Ficar em Casa

O Peixe-Cachorro

ilto equisito para peixe acharro lhe faltava andalme, icao com boca de curimba seiro arrumado para entrega.

viam vilizações e bosta de sapo. pregados em palavras.

a que quando alguma expressão ar, ele a camuflava. Assim: vo, virou Hespectador Hativo. dunentas de HIF, aquele lugar e sujava mais.

sujos se criam nos armazêns

uta principal em pé de fedegoso

Pequena História Natural

A Nossa Garça

Penso que tém nostalgia de mar estas garças pantaneiras. São viúvas de Xaraies? Alguma coisa em azule profundidade hes foi arrancada. Há uma sombra de dor em seus vóos. Assim. quando vão de regresso aos seus ninhos, enchem de entardecer os campos e os homens.

Sobre a dor dessa ave há uma outra versão. que eu sei. É a de não ser ela uma ave canora Pois que só grasna — como quem rasga uma palavra.

De cantos portanto não é que se faz a beleza desses pássaros. Más de cores e movimentos. Lembram Modigilani. Produzem no céu iluminuras. E propõem esculturas no ar. A Elegância e o Branco devem muito às

Aqui seu võo adquire raizes de brejo. Sua arte de ver caracóis nos escuros da lama e um dom de brancura.

A força de brancuras a garça se escora em versos com lodo?

(Acho que estou querendo ver coisas demais nestas garcas. Insinuando contrastes (ou conciliações?) entre o puro e o impuro, etc. etc. Não estarel impregnando de peste humana esses passarinhos? Que Deus os livre!)

De Quati

Aparece um quati escoleiro. De certo perseguido de cachorro. No chão é ente insuficiente o quati. Imita ser balcado. O rabo desequilibra de tanto rente na terra. Agora, se alcança arvore, quati arma banze. Arreganha. Monta episódio. E ate chinga cachorro. Igual é o tamandua. Fora do mato, no limpo, tamanduá nega encrenca. Porem se encontra zamboada, vira gente. E desana cachorro, onça pintada, tenente.

O guero-quero

Natureza serà que preparau o quero quero para o mister de avisar? No meto-dia se voce estiver fazendo sesta completa, ele interrompe. Se esta o vaqueiro armando laco por perto, em tuxar despróprio, ele bronca. Se esta o menino cacando inseto no brejo, ele grita naquele son arrenhado que tem parte com arara. Defendese como touro. E faz denuncias como um senador romano. Quero-quero tem uma vida obedecida, contuda. Ele cumpre Jesus. Cada dia com sua terefa. Tempo de comer è tempo de comer. Tempo de criar, de criar. E passaro mais de amar que de trabalhar. Ca.



A obra do poeta

POEMAS CONCEBIDOS SEM PECADO Editora do autor, 1937

FACE IMÓVEL Editora Século XX (RJ), 1942

POESIAS Editora Irmãos Pongetti (RJ). 1956

COMPENDIO PARA USO DOS PASSAROS Livraria São José Editora (RJ) 1961

GRAMATICA EXPOSITIVA DO CHÃO Editora Tordos (RJ), 1969

MATÉRIA DE POESIA Livraria São José Editora (RJ), 1974

ARRANJOS PARA ASSOBIO Editora Civilização Brasileira (RJ), 1982

LIVRO DE PRÉ-COISAS Editora Philobiblion (RJ), Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 1985

***Estes livros estão esgota-

O primeiro texto publicado, de Manoel de Barros, foi uma crónica que se chamava Mano e apareceu em 1932 no Boletim de Nhecolándia. No mesmo boletim apareceu também o soletim apareceu também o soletim Bugrinha, O primeiro livro (Poemas Concebidos Sem Pecado) teve um lancamento com o nome Cabeludinho.

Sabiá Com Trevas

Fragmento - IX

O poema é antes de tudo um inutensilio

Hora de iniciar algum

convém se vestir roupa de trapo.

Há quem se jogue debaixo de carro

nos primeiros instantes.

Faz bem uma janela aberta

Uma vela aberta.

Pra mim é uma coisa que serve de nada o poema

Enquanto vida houver.

Ninguém é pai de um poema se morrer.

Retrato Quase Apagado,

Onde se pode

Ver Perfeitamente o Nada

Não tenho bens de acontecimentos. Sou um sujeito pegador de imagens. Entesouro frases.

Se poesia é a ocupação do ser pela imagem Sou um homem ocupadíssimo. Porém Se poesia é a ocupação das palavras pela

imagem

Tenho de dar ênfase ao vazio o tempo todo. (Pensar é uma pedreira. Estou sendo!) As vezes de noite nasce na aba de meu chapéu um pé de árvore

Estou com certeza e vegetal. Mas vivo atualmente em petição de pedra

Ficar em Casa

Aves na chuva com pedras Alcanço com as mãos o cheiro das ruas molhadas

Com rutilâncias tensas — Iagartixas

embrassam nossas paredes

Passeiam baratas velhas, de já quase 4 asas nas fôrmas de bolo arrastando seus lençois garcos...

Meninos se encostaram nas árvores reluzentes libélulas —

com vibrissas de touro inquietam os rumos

Pulam sapos andr-oginos dos urtigais Me penso no silêncio líquido

com que as águas escurecem as pedras OP

Era um Cruza de Filho de Simples

Era muii E pra cai Uma felo E o trase

Se peixe, Um anda Sendo car

Dificil de Como um Pra cache

De tarde, do jarim. e uns veri

Lesmava sentia-se sua metál

As ruinas para guar Amava ca

Cortazar lhe queria espectado Com essa comum na

Bicho acos

Os grilos d

Eu havía esperança Esterco fu corte ácido perturbava cama, aqua atormenta

Formiga di anda entor

Marandová fona, a anda

O Peix-Cachorro

Era um persesquisito pra cachorro: Cruza de la somem com tapera? Filho de Jasaré com cobra d'água? Ou Simples que de cachorro de indumentos?

Era muito equisito para peixe E pra cachero he faltava andaime. Uma felcacem boca de curimba E o trasejro grumado para entrega.

Se peixe, o rabo empresta ao liso campo Um andar de moréia atravancada. Sendo cacharro não arranca a espada?

Difícil de acetar esse estrupicio Comó um peze, sinda que nade. Pra cacho conto cabe no possível.

poema

apéu

000

De tarde, imie nie de lodo, la sentar-se no banco do jarim, (Diminuiram o seu jardim de 40 roseiras e uns vermes).

Lesmava debaixo dos bancos. O homem sentia-se em ruinas, um lanho em vez de torso era sua metáfora

As ruinas só serviam para guarda civilizações e bosta de sapo. Amava caracos pregados em palavras.

000

Cortazar colla que quando alguma expressão lhe queria sular, ele a camuflava. Assim: espectador alivo, virou Hespectador Hativo. Com essas Vestimentas de HH, aquele lugar comum não de sujava mais.

.000

Hicho acostilizado na toca, encega com estrela.

001

Os grilos de Osos sujos se criam nos armazêns.

241

Eu havia de pedir desculpas sobre a esperança. Esterco fun corte acido perturbava cama, aquela atormentada de uma fêmea.

800

Formiga de da principal em pé de fedegoso anda entoria

200

Marandovas fona, a andar fona, a andar fonas.

Pequena História Natural

A Nossa Garça

Penso que têm nostalgia de mar estas garças pantaneiras, São viúvas de Xaraiés? Alguma colsa em azul e profundidade lhes foi arrancada. Há uma sombra de dor em seus vôos. Assim, quando vão de regresso aos seus ninhos, enchem de entardecer os campos e os homens.

Sobre a dor dessa ave há uma outra versão, que eu sei. É a de não ser ela uma ave canora. Pois que só grasna — como quem rasga uma palavra.

De cantos portanto não é que se faz a beleza desses pássaros. Mas de cores e movimentos. Lembram Modigliani. Produzem no céu lluminuras. E propõem esculturas no ar.

A Elegância e o Branco devem muito às garcas.

Chegam de onde a beleza nasceu?

Nos seus olhos nublados eu vejo a flora dos corixos. Insetos de camalotes florejam de suas rémiges. E andam pregados em suas carnes larvas de sapos.

Aqui seu võo adquire raízes de brejo. Sua arte de ver caracóis nos escuros da lama é um dom de brancura.

A força de brancuras a garça se escora em versos com lodo?

(Acho que estou querendo ver coisas demais nestas garças. Insinuando contrastes (ou conciliações?) entre o puro e o impuro. etc. etc. Não estarel impregnando de peste humana esses passarinhos? Que Deus os livre!)

De Quati

Aparece um quati escoteiro. De certo perseguido de cachorro. No chão é ente insuficiente o quati. Imita ser baleado. O rabo desequilibra de tanto rente na terra. Agora, se alcança árvore, quati arma banzé. Arreganha. Monta episódio. E até chinga cachorro.

Igual é o tamanduá. Fora do mato, no limpo, tamanduá nega encrenca. Porém se encontra zamboada, vira gente. E desafía cachorro, onça pintada, tenente.

O quero-quero

Natureza será que preparou o quero-quero para o mister de avisar? No meio-dia se você estiver fazendo sesta completa, ele interrompe. Se está o vaqueiro armando laco por perto, em lugar despróprio, ele bronca. Se está o menino caçando inseto no brejo, ele grita naquele som arrenhado que tem parte com arara. Defendese como touro. E faz denúncias como um senador romano.

Quero-quero tem uma vida obedecida, contudo. Ele cumpre Jesus. Cada dia com sua terefa. Tempo de comer e tempo de comer. Tempo de criar, de criar.

E passaro mais de amar que de trabalhar. (...)



6 Brasilia, domingo, 5 de julho de 1987 Me encanto com os palhaços pungir as verdades. Entre o or

O poeta-ai

RUI NOGUEIRA Subeditor de Cultura

ma passagem de ida e volta a Paris, Londres ou Nova Iorque, com tudo pago, se vocês souber quem é Manoel de Barros. Uma dica: ele "apareceu" no programa de TV Pantanal — Os Caminhos Para a Sobrevivência levado ao ar pela Rede Manchete ano passado.

Você não sabe, mas pode ficar tranquilo. Eu não sei, tu não sabes, ele não sabe, nós não sabemos, vós não sabeis, eles não sabem. Dos 130 milhões de brasileiros apenas zero virgula zero, zero, zero, zero... sabem. Cada país tem a vergonha nacional que merece

Em vez de uma viagem para uma dessas capitais do colonialismo cultural nosso de cada dia , podemos marcar uma passagem, só ida, para Campo Grande, Mato Grosso do Sul, para conhecer "esse tal de Manoel de Barros" que Carlos Drummond de Andrade considera "o maior poeta vivo do Brasil". E não é troca de gentilezas entre profissionais da palavra. Para satisfazer a curiosidade: no programa da TV Manchete sobre o Pantanal, Manoel de Barros teve très poemas incluidos pelo realizador Washington Novaes. Ninguém prestou muita atenção, afinal não se tratava de nenhum poeta "tchå". Também, quem manda ele viver em Campo Grande. Enquanto não inventarem o eixo Rio-São Paulo-Campo Grande. Manoel de Barros será sempre o "maior poeta esquecido" do Brasil. Ja é qualquer coisa

FOTO DE: